

Depoimentos para a História

RONIWALTER JATOBA *

No final do ano passado, foram editados dois livros que ajudam a entender mais um pouco da história recente brasileira. O primeiro é um longo depoimento de um general ex-presidente da República durante o regime militar, *Ernesto Geisel* (494 páginas), publicado pela Editora Fundação Getúlio Vargas. Por mais de um ano, Geisel, que sempre foi avesso a entrevistas, falou aos pesquisadores Maria Celina D'Araújo e Celso Castro, com a condição de publicarem o livro apenas

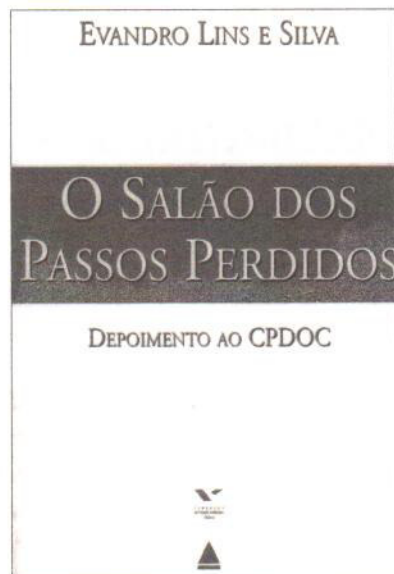


após sua morte, o que aconteceu em 12 de setembro de 1996, aos 89 anos. O militar gaúcho de origem alemã conta tudo sobre sua história de vida: a infância, a formação intelectual e profissional, funções na administração pública e a experiência no Exército. No desenrolar do livro, ele revela sua participação na queda do governo João Goulart, o trabalho realizado nos vários governos militares, a guerrilha, a tortura levada a cabo pelos órgãos de informação das Forças Armadas, o terrorismo de direita, a linha dura, o caso Riocentro. Duramente, faz críticas ao

* Escritor e jornalista

empresariado brasileiro, ao “imperialismo americano” e às privatizações. Aborda também assuntos pessoais, como o namoro com sua mulher, Lucy, e a morte do filho adolescente, e temas polêmicos, como as divergências com seu irmão Orlando Geisel, quando da escolha do ministro do Exército de seu governo. Acompanhe algumas de suas opiniões. Sobre Tancredo Neves: “Caracterizava-se pela habilidade política, mas de obra, de realização, como ministro da Justiça de Getúlio ou como primeiro-ministro de Jango, não deixou nada, deixou um vazio.” Sobre Maluf: “Não gosto do Maluf. Acho-o muito arrogante, muito ambicioso.” Eleições diretas: “O que deram as eleições diretas no Brasil? Collor e Itamar. Não discordo da importância de se ouvir a população, mas creio que a nossa população está ainda num nível muito baixo, do ponto de vista cultural e do ponto de vista econômico.” Fernando Collor: “Era um incapaz.” Privatização: “Possivelmente há muita coisa que pode e deve ser privatizada. Contudo, o processo não pode ser generalizado, executado integralmente, mas deve levar em conta o que pode e deve ser vendido e, principalmente, o que não deve.”

O outro livro é *O salão dos passos perdidos* (524 páginas), também um longo depoimento do jurista Evandro Lins e Silva, publicado pelas editoras Fundação Getúlio Vargas e Nova Fronteira. No lado oposto à trajetória do militar Ernesto Geisel, o advogado Evandro Lins e Silva narra sua vida, desde suas raízes nordestinas até sua participação direta no *impeachment* de Collor. Socialista histórico, Evandro conta as dificuldades do começo da profissão, a convivência com grandes criminalistas como Evaristo de Moraes e Mário Bulhões Pedreira e personalidades como Osvaldo Aranha, Carlos Lacerda, João Goulart e Luís Carlos Prestes, a incursão no jornalismo, as grandes defesas do advogado criminalista, como no caso



Doca Street, e o tempo que exerceu funções durante o governo João Goulart e nos anos que ocupou o cargo de ministro do Supremo Tribunal Federal. Ao lado de Sobral Pinto e de outros advogados, atuou na defesa de presos políticos perante o Tribunal de Segurança Nacional, o tribunal de exceção criado para julgar os envolvidos na revolta comunista de 1935. Em 1947, ajudou a fundar o Partido Socialista Brasileiro (PSB), iniciando uma longa militância em favor do socialismo democrático. Segundo o professor titular da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, Fábio Konder Comparato, que apresenta a edição, “neste memorial fascinante de uma vida que atravessou quase todo o século, o leitor encontrará, ao mesmo tempo, um testemunho histórico e uma lição de cidadania”. Nele, o leitor irá encontrar o “que sempre norteou a vida de Evandro Lins e Silva: a defesa constante do fraco contra o forte, do pobre contra o rico; a luta pela supremacia do bem público contra a tradicional hegemonia dos interesses privados; a sustentação do papel dirigente e regulador do Estado na defesa do interesse nacional, perante as potências estrangeiras ou as empresas multinacionais”. Para quem não sabe, o *salão dos passos perdidos* é um corredor bem largo que existe ao lado do salão do Tribunal do Júri, no Rio de Janeiro. “Inteiramente vazio, não tem bancos nem cadeiras, e as pessoas ficam vagando e se encontrando por ali”, conta o advogado, hoje com 86 anos.